

NOTA EDITORIAL

Neste primeiro número do vigésimo sétimo volume, a **Revista Filosófica de Coimbra** abre as suas páginas, como sempre, ao colóquio variado de perspectivas e temáticas filosóficas cuja atualidade e interesse são reforçados pelo vislumbre da penúria de pensamento que assola o tempo presente. O leitor competente de filosofia que nos honra com a sua atenção e fidelidade encontrará nestas páginas, portanto, a mesma atmosfera de pluralismo filosófico, de comunicação crítica, de atenção à tradição filosófica – na ignorância da qual sempre fenecerá o pensamento original – e de comprometimento intelectual atualizado a que os autores da **Revista Filosófica de Coimbra** sempre nos habituaram.

Respeitando um critério de ordenação alfabética, abre este número um texto de Edmundo Balsemão Pires. Todos quantos cultivam o gosto pela produção filosófica de qualidade, reconhecerão desde as primeiras linhas do artigo *Uma Estética do Movimento (1870-1930)* a densidade e o vigor teórico que são marcas distintiva do trabalho sempre metucioso do autor. Desta volta, somos conduzidos ao período de entre 1870 e 1930 para meditar a importância do problema da relação entre sensação e movimento (e, conseqüentemente, entre a dimensão terapêutica, progressivamente atenta aos fatores puramente psicológicos e afetivos, e o meio da arte, tornado lugar privilegiado – veja-se o caso da dança – das relações entre movimentos, gestos, sensações e emoções) no quadro da autonomização da Psicologia como Ciência. Por feliz coincidência temática, o segundo trabalho aqui publicado é igualmente dedicado à dança, agora numa abordagem hermenêutica. Referimo-nos ao artigo *A Dança como Arte e Terapêutica Lúdica* da autoria de Maria Luísa Portocarrero. A autora, reconhecida e amplamente respeitada especialista da área da Hermenêutica Filosófica, oferece-nos aqui páginas relevantes nas quais, apoiada por uma leitura atualizada do conceito gadameriano de jogo e atinente crítica da consciência estética, situa o fenómeno da dança na confluência de um renovado conceito de “reconhecimento”, capaz de resistir a qualquer tipo de tentame mercantilizador. Elenque-se seguidamente o trabalho da autoria de Noël Golvers, especialista de estudos da Religião e de Sinologia. No artigo que publica nestas páginas, e no qual imediatamente se reconhece a competência do experiente investigador da Faculdade de Letteren, somos convidados a viajar

entre a Biblioteca Nacional de Pequim e o Colégio das Artes de Coimbra nos seus anos de 1654-1656. Nesta viagem, onde se recupera um tempo de influência global dos pensadores de Coimbra, Noël Golvers procura precisar a identidade de Francisco Pereira de la Cerda (†1656), bem como o perfil do Jesuíta Luís de Brito “e, indiretamente, de um seu homónimo” natural do Alvito e nascido em 1613. Em face do conjunto de dados recolhido, é toda uma nova luz que se lança sobre a cultura matemática (pois são alguns livros de matemática de Coimbra a circular na China em meados do séc. XVII que motivam a presente investigação) dos Colégios Jesuítas de Coimbra e também de Lisboa, mormente a sua intensa relação com o exterior e a sua surpreendente presença pelos quatros cantos do mundo. Segue-se um trabalho de Paulo Alexandre Lima intitulado *Idades de Ouro, Idades de Ferro. Presente e Passado Mítico em Hesíodo*. Representante de uma nova geração de competentes estudiosos de filosofia antiga e cultura clássica, igualmente estudioso de M. Heidegger com importante conjunto de trabalhos já publicado, Paulo Alexandre Lima centra-se, neste seu trabalho, na figura de Hesíodo a fim de dilucidar a filigrana temática de conceitos como “temporalidade cíclica” e “mito das idades”, no contexto do horizonte alargado e difícil da questão das categorias míticas. A secção dedicada aos *Artigos* inclui ainda um trabalho conjunto da autoria de Rodrigo Gewehr, professor da Universidade Federal de Alagoas (no momento a realizar investigações de pós-doutoramento em Filosofia dedicadas à presença e influência de H. Bergson no pensamento de Jung) e de Amanda Barros Palmeira, investigadora da mesma Universidade. Como fica claro lendo-se o título do artigo – *Experiência e sentido no pensamento de Carl Gustav Jung. Um percurso pelo Livro Vermelho* –, o escopo do trabalho aqui publicado é o de investigar, num fértil lugar de fronteira entre a psicologia e os estudos filosóficos, os problemas do sentido (*Sinn*) e do significado (*Beudeutung*) no contexto da obra de Jung e, ao mesmo tempo, meditar sobre o modo como essas noções se entrelaçam ao nível da “experiência psíquica”.

Este número inclui ainda, além dos artigos elencados, sete resenhas dedicadas a uma assinalável variedade de leituras e cujo interesse atesta e confirma, desde logo, o empenho e autoridade da comunidade cada vez mais alargada de colaboradores da **Revista Filosófica de Coimbra**. Antes de terminar esta *Nota Editorial*, seja-nos permitido destacar a *Notícia* que António Balbino Lima, docente da Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus-Brasil), em boa hora enviou à Redação. Nela encontramos o relato da inolvidável visita a Coimbra de Renaud Barbaras, distinto professor da Universidade de Paris I Panthéon-Sorbonne e um dos nomes maiores do pensamento filosófico francês contemporâneo. Essa visita do filósofo francês transformou o *Seminário Internacional “Corpo, Sentimento e Vida. Em torno da obra de Renaud Barbaras”* numa ocasião de rara importância filosófica, pois nessa ocasião feliz R. Barbaras apresentou duas comunicações cuja relevância não pode ser exagerada: a primeira retomando

os pontos centrais do seu projeto filosófico original; a segunda identificando as zonas de impensado de tal projeto, bem como a inflexão teórica com a qual começou a enfrentar tais inacabamentos e da qual, portanto, apresentou entre nós as primeiras conquistas. Conhecedor profundo da língua portuguesa, foram tais marcantes comunicações escritas e pronunciadas em português, selando também assim, de um modo que reforça a língua de Camões como língua de ciência, o encontro inesquecível entre o pensamento filosófico contemporâneo mais vigoroso e a mais antiga Universidade portuguesa, recentemente classificada como património da humanidade também por ser a guardiã plurissecular da língua e cultura portuguesas. Seja-nos permitido aproveitar este ensejo para anunciar aos nossos leitores a publicação dos referidos textos de Renaud Barbaras no próximo número da **Revista Filosófica de Coimbra**. Ficarão albergados nestas páginas, portanto, dois trabalhos que os estudiosos da obra de Barbaras e do horizonte da fenomenologia francesa contemporânea reconhecerão, seguramente, como incontornáveis.

Luís António Umbelino

Diretor

Adenda: Com o presente número já no prelo, a Redação da **Revista Filosófica de Coimbra** foi surpreendida com a notícia triste do falecimento da Sr.^a Professora Doutora Marina Ramos Themudo. É com profundo pesar e sentida consternação que transmitimos aos nossos leitores esta notícia que nos enluta. À família apresentamos as nossas sentidas condolências. E à memória da Sr.^a Professora Doutora Marina Ramos Themudo, docente estimada por gerações de estudantes e investigadora respeitada pelos seus pares, dedicamos este número da **Revista Filosófica de Coimbra**, para cuja fundação contribuiu.

L.A.U.

